

Ato terrorista

Heródot Barbeiro (*)

A polêmica está na definição se o grupo armado pode ou não ser considerado um grupo terrorista.

Há séria divergência na lei entre uma atividade de criminosa violenta e um atentado terrorista. Os juristas de plantão abandonam a análise técnica legal e mergulham nas opções ideológicas à disposição.

As narrativas transbordam para mídia e os jornalistas, como sempre, sem qualquer conhecimento mais profundo do Direito, alimentam o debate em torno do tema, aquecendo o fogo do emocionalismo exagerado. Esqueceram tudo o que aprenderam na escola, principalmente que não é possível rotular de jornalismo o emocionalismo barato, que tem muito mais um sentido comercial do que informativo. Ora é a busca frenética pela audiência, ora servir aos interesses do patrão.

A conjuntura vivida no país favorece o radicalismo. Até o nacionalismo é arrolado no debate, uma vez que nações poderosas do mundo qualificam o terrorismo como um crime internacional, ou seja, os praticantes precisam ser perseguidos além das fronteiras do seu próprio país.

Líderes mundiais estão de acordo com um combate coletivo contra o terrorismo, esteja onde estiver. Os nacionalistas rejeitam a tese. Defendem que é uma questão interna e que



nenhum outro país, vizinho ou de outro continente se envolva em seus problemas locais. Não abre mão da soberania nacional, nem que seja necessário passar por cima da violência cometida pelos terroristas. A pátria está acima de tudo. A pátria está em perigo.

Se há atentado terrorista, a culpa não é de quem aperta o gatilho para eliminar alguém considerado indesejável para a sobrevivência, autonomia e independência nacional. São heróis que arriscam a vida pela pátria e assim devem ser tratados. Ajam em grupo ou isoladamente. Ele executou o atentado sozinho.

Pertence a uma organização conhecida como Mão Negra e é mantida com dinheiro que vem da Sérvia, um país que pretende ser o centro dos estados, uma Iugoslávia. Há poucos meses a região eslava da Bósnia e Herzegovina caiu nas mãos do vizinho império Austro-Húngaro. Em 28 de junho de 1914, o império quer reafirmar o controle da região. Marca uma visita com desfile pelas ruas de Sarajevo, a capital da Bósnia.

Ele termina em tragédia – o terrorista Gavrilo Princip mata a tiros o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do império Austro-Húngaro e sua mulher, e dispara a contagem regressiva para a Primeira Guerra Mundial.

(*) - É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrasil, colunista do R7, do Podcast Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no YouTube (www.herodoto.com.br).

Vivaldo José Breternitz (*)

Quem traz essas informações é o jornal britânico The Guardian, que pergunta por que os bilionários estão comprando tantas empresas de mídia? O jornal também arrisca uma resposta: pode ser por vaidade, mas pode haver uma razão mais pragmática, que alguns diriam sinistra.

Ainda segundo o Guardian, se você é bilionário, talvez veja a democracia como uma ameaça potencial ao seu patrimônio. Controlar uma parte significativa do número cada vez menor de veículos de comunicação lhe permite, na prática, se proteger contra a democracia, suprimindo críticas a você e a outros plutocratas, desincentivando qualquer tentativa de, por exemplo, tributar sua riqueza.

Isso fica claro se considerarmos o caso de Donald Trump, que tem usado, de forma escancarada, o poder da presidência dos Estados Unidos para punir seus inimigos e recompensar aqueles que o elogiam e lhe trazem lucros, como é o caso do Washington Post, que aplaudiu a decisão do Departamento de Defesa de Trump de adquirir uma nova geração de reatores nucleares menores, mas não mencionou a participação da Amazon na empresa que desenvolve esses reatores.

O jornal também criticou a recusa da cidade de Washington DC em permitir carros autônomos, sem revelar que era a empresa de veículos autônomos da Amazon que tentava entrar nesse mercado.

A situação é semelhante com a família de Larry Ellison, fundador da Oracle e o segundo homem mais rico do mundo, controlador da rede CBS. Ellison é um doador de longa data de Trump e teria discutido formas de contestar sua derrota nas eleições de 2020.



Em junho de 2025, Ellison e a Oracle estiveram entre os patrocinadores de um espetacular desfile militar idealizado por Trump em Washington. Na época, Larry e seu filho David, fundador da Skydance Media, aguardavam a aprovação da Comissão Federal de Comunicações (FCC) para a sua fusão com a Paramount Global, proprietária da CBS News, um negócio estimado em US\$ 8 bilhões.

Em julho, a CBS encerrou o programa "Late Show" do apresentador Stephen Colbert, um crítico de Trump; logo em seguida, Brendan Carr, aliado de Trump e presidente da FCC, aprovou o negócio dos Ellison.

É impossível saber até que ponto as críticas a Trump e ao seu governo foram abafadas pelos bilionários donos de mídia, ou que tipo de cobertura bajulatória tem sido produzida, mas é claro que bilionários como Musk, Bezos, Ellison e outros são, antes de tudo, homens de negócios. Seu maior objetivo não é informar o público, mas ganhar dinheiro. Eles sabem

que Trump pode devastar seus negócios impondo decisões desfavoráveis da FCC, aplicando com rigor leis trabalhistas e usando outras armas que o cargo lhe permite utilizar.

E, numa era em que a riqueza está concentrada nas mãos de poucos indivíduos que compraram peças-chave da mídia, cresce o perigo de que o público não receba a verdade de que precisa – vale lembrar o que diz o slogan do Washington Post: a democracia morre na escuridão.

O assunto merece nossa reflexão, especialmente porque aqui no Brasil a situação não é muito diferente. É oportuno lembrar o caráter (falta de) de Assis Chateaubriand, que a partir dos anos 1930 construiu um império midiático, os Diários Associados, utilizado para satisfazer seus interesses pessoais – felizmente o tempo encarregou-se de destruir os Diários, o que fez um bem enorme para o Brasil.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.

A descentralização radical da cultura nas empresas de tecnologia

Há uma mudança estrutural em curso nas organizações mais sofisticadas: a compreensão de que cultura não é um ativo monolítico, estático e institucional, mas um sistema adaptativo, descentralizado e orgânico. Esse movimento rompe com a lógica tradicional de cultura como essência única e homogênea, imposta de cima para baixo, e abre espaço para o que chamamos de arquitetura molecular: um modelo em que diferentes microculturas coexistem de forma estratégica, conectadas por princípios comuns, mas com autonomia para expressar-se de maneiras diversas.

O avanço desse modelo não é apenas uma resposta à complexidade operacional das empresas de tecnologia e ambientes ágeis. É também um indicativo de maturidade organizacional. À medida que o trabalho se torna mais distribuído, interdisciplinar e orientado a entregas em ciclos curtos, as estruturas hierárquicas rígidas cedem espaço para redes de colaboração autônoma. E nessas redes, a cultura precisa ser mais maleável, mais contextual, mais situada. Não se trata mais de aplicar um "código genético" universal, mas de permitir que cada célula da organização desenvolva, em diálogo com sua realidade, uma expressão legítima dos valores corporativos.

Essa descentralização exige clareza extrema sobre os elementos inegociáveis da cultura, justamente para que a pluralidade não se torne ruído. Em vez de impor padrões de comportamento, o RH passa a atuar como arquiteto de ecossistemas,



Daniela Santos

garantindo a qualidade das conexões, o alinhamento aos princípios fundantes e a sustentabilidade das relações entre times. O papel deixa de ser o de normatizar e passa a ser o de viabilizar: espaços seguros para experimentação, ambientes de aprendizagem contínua, mecanismos de escuta ativa e, principalmente, liderança com maturidade suficiente para sustentar a ambiguidade sem recorrer ao controle.

As empresas que operam nesse modelo não eliminam tensões culturais. Aprendem a lidar com elas de forma produtiva. É natural que um time voltado à inovação tenha padrões de risco e tomada de decisão diferentes de outro focado em operação regulada. O erro é forçar convergência

absoluta, anulando a identidade dos grupos em nome de uma suposta unidade institucional. O desafio não é tornar tudo igual, mas garantir que cada parte do sistema tenha clareza suficiente para tomar decisões consistentes com os valores da organização, mesmo diante de contextos distintos.

Isso exige uma nova inteligência cultural. Um RH que mede mais do que clima e engajamento. Que enxerga as dinâmicas sutis de poder, pertencimento, influência e autonomia. Que sabe mapear padrões emergentes, interpretar sinais fracos e ajustar estruturas em tempo real. Que entende que cultura não é um artefato a ser comunicado, mas um comportamento a ser praticado com consistência nos detalhes: na forma como uma reunião começa, como um erro é tratado, como uma promoção é decidida.

O RH molecular é uma consequência lógica da forma como o trabalho evoluiu. Empresas que não ajustarem sua governança cultural à complexidade de suas operações continuarão a repetir fórmulas genéricas, produzindo ambientes artificiais, frágeis e inconsistentes. Já aquelas que tiverem coragem de descentralizar com responsabilidade, criando microambientes de confiança, autonomia e propósito, estarão mais bem preparadas para atrair talentos adultos, entregar com consistência e inovar com velocidade.

(Fonte: Daniela Santos é Gerente de Gente e Cultura na Verity).

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Responsável: Lilian Mancuso

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródot Barbeiro.

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.